



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura da I Conferência Nacional de Economia Solidária –
“Economia Solidária como Estratégia e Política de Desenvolvimento”**

Brasília-DF, 27 de junho de 2006

Eu espero que daqui a uma hora e meia a gente esteja com esse mesmo entusiasmo, vendo o Brasil ganhar de Gana,

Meu querido companheiro Luiz Marinho, ministro do Trabalho e Emprego,

Meu querido Guilherme Cassel, ministro do Desenvolvimento Agrário,

Meu querido companheiro Altermir Gregolin, secretário especial da Aquicultura e Pesca,

Meu querido companheiro Eduardo Suplicy,

Deputada federal Terezinha Fernandes,

Minha querida Maria do Carmo Ferreira da Silva, secretária especial interina de Políticas de Promoção para a Igualdade Racial,

Minha querida Márcia Lopes, secretária executiva do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Meu querido companheiro de muitos e muitos anos, Paul Singer, secretário nacional de Economia Solidária,

Meu querido Ademar de Andrade Bertucci, representante do Fórum Brasileiro de Economia Solidária,

Meu querido companheiro José de Filippi, prefeito de Diadema, onde nós temos uma experiência muito bem-sucedida de uma cooperativa de metalúrgicos,

Minha querida companheira Arlete Sampaio, deputada distrital aqui de Brasília,

Meu querido companheiro Chico Vigilante, deputado distrital,



Meu caro Jacques de Oliveira Pena, presidente da Fundação Banco do Brasil,

Minha querida companheira Ângela Maria Schwengber, representante da rede de gestores de políticas públicas de economia solidária,

Meu caro Pedro Rafael Lapa, diretor de gestão de desenvolvimento do Banco do Nordeste,

Senhor Niro Barrios, presidente da Cooperativa Geralcoop e diretor da Unisol Brasil,

Senhor Vicente Falqueto, diretor executivo do Instituto Marista de Solidariedade,

Senhor Carlos Alberto Ribeiro de Figueiredo, gerente-geral da Petrobras em Brasília,

Meus queridos companheiros e companheiras participantes da I Conferência Nacional de Economia Solidária,

Meus amigos e amigas jornalistas,

A primeira vez que eu fui escolhido para ser presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em 1975, nós estávamos fazendo, Paul Singer, um curso de psicodrama, que era para a gente despertar em cada um dos dirigentes a sua visão de mundo, a sua visão de sindicato. E uma das cenas que me fez ser escolhido para presidente do Sindicato, porque tinha outros pretendentes, é que tinha uma pergunta que dizia o seguinte: agora vocês vão representar a visão de vocês sobre o sindicato. E o meu concorrente pediu para um companheiro agachar, subiu em cima desse companheiro e ficou com os braços abertos como se fosse um avião. E quando chegou a minha vez, eu reuni todo mundo que estava na sala, nós demos as mãos e fizemos uma roda de pessoas. E por conta disso eu fui escolhido pela diretoria para ser presidente do Sindicato de São Bernardo do Campo. Foi a primeira visão de acreditar no coletivo, de acreditar na união.



Depois que eu assumi o Sindicato, o Marinho, muito jovem, peão novo na categoria, ele sabe que nós cunhamos um personagem chamado “João Ferrador”. O João Ferrador era um bonequinho bravo que tinha um chapeuzinho e na camiseta estava escrito assim: “hoje eu não estou bom”. Se fosse hoje, estaria escrito na camiseta: “hoje eu estou bem”. Mas naquele tempo, o clima político exigia que nós colocássemos “hoje eu não estou bom”.

Eu descobri que os trabalhadores tinham dificuldade de ler os boletins que a gente fazia, porque a gente fazia um boletim e, primeiro, tinha uma dissertação ideológica, sempre xingando alguém e, no final, a gente colocava o que a gente queria. Mas entre a gente distribuir o boletim e a portaria da fábrica eu descobri, um belo dia, que não dava tempo para o trabalhador ler o que a gente queria. Ele lia todos os xingamentos, mas na hora dos entretanto, ele jogava fora o boletim.

Então, nós inventamos de fazer história em quadrinhos com o “João Ferrador”, o maior símbolo que a gente utilizava dizendo que uma vara só era muito fácil de quebrar, mas que um feixe de varas era praticamente impossível de se quebrar. Por que eu contei essas duas histórias para vocês? Porque esse momento que nós estamos vivendo aqui, para quem acredita em cooperativas, para quem acredita em economia solidária, é uma espécie de momento mágico. É uma coisa muito forte por quê? Não pelo que nós já fizemos, mas pelo simbolismo desta Conferência, que nos diz o que nós poderemos fazer daqui para frente. E quando eu digo nós fazemos, não é o Lula fazer, porque eu acredito numa outra coisa mais sagrada até do que a figura da pessoa, é um padrão de relacionamento que o Estado brasileiro precisa criar com a sociedade para permitir que a sociedade não dependa da decisão de um homem, mas dependa das decisões emanadas dos próprios fóruns coletivos de que participa.

O que eu quero dizer para vocês, no fundo, no fundo, é que nós temos que criar uma organização tão forte e tão sólida que, independentemente de



quem venha a ser presidente da República, essa pessoa saiba que não pode desmontar o que está enraizado, que não pode desrespeitar a vontade de um coletivo da sociedade brasileira, e esse é o maior legado que um presidente da República pode deixar para o seu povo, é a organização sólida, é o convencimento da sociedade de que valeu a pena acreditar naquilo.

Eu vou dar um exemplo para vocês: durante muito tempo no Brasil, e a Arlete se lembra disso, nós só tínhamos uma conferência que era a Conferência Nacional de Saúde. E a Conferência Nacional de Saúde conquistou tanto espaço que poderia ser ministro da Saúde do PFL, do PMDB, do PT, do PSDB, não importava de quem fosse o ministro da Saúde, essa Conferência era realizada com a presença de milhares de pessoas, os ministros estavam lá e eu fui convidado para várias delas.

Nesses 42 meses de governo, que nós completaremos no dia 1º de julho, essa, Paul Singer, é a 38ª Conferência Nacional que nós realizamos aqui no Brasil. Ainda no final de semana, eu participei de um ato cooperativo, lá em Chapecó, com os trabalhadores da agricultura familiar, onde praticamente 10 mil pessoas participaram, não só de apoio, mas de assinatura de convênios de construção de casas para o homem do campo. Nós estamos fazendo isso com a pesca, estamos fazendo isso com a Secretaria da Igualdade Racial, estamos fazendo com os estudantes, com os portadores de deficiência, por quê? Porque nós queremos criar uma rede muito sólida da sociedade civil organizada, porque aí ela tem um muito mais força para fazer as coisas acontecerem.

Em segundo lugar, porque eu estou feliz não pelo que nós já fizemos, mas pelo que a gente pode fazer. É porque quando nós tomamos posse, há 42 meses, vocês se lembram, cooperativa era uma coisa quase proibida pela orientação do Banco Central, era muito limitada, tinha muito empecilho, porque no Brasil tem um determinado tipo de político que desconfia de todo mundo até prova em contrário. Então, “não podemos abrir cooperativa, não podemos



financiar microcrédito, não podemos fazer isso porque vai ter inadimplência, porque as pessoas não vão pagar, porque as pessoas, não sei das quantas”...

E nós fomos descobrindo, com o tempo, que o melhor pagador do Brasil é o pequeno, porque ele tem como valor patrimonial o seu nome, o nome da sua família e a sua honra. Então, quando ele toma um dinheiro emprestado, pagar, para ele, não é uma questão eminentemente econômica, é uma questão de caráter.

Bem, eu acho que nós estamos chegando num momento importante. Em um primeiro momento, nós tivemos que convencer o Banco Central a fazer a flexibilização que tinha que fazer. Eu achava que era mais fácil, mas a teoria e a prática têm uma distância do tamanho do Oceano Atlântico. O Djavan é que fala que o teórico só vê o dia com 24 horas e o prático vê o dia com manhã, tarde, noite e madrugada. Então, eu achava que era tudo mais fácil, e aí eu fui percebendo que criar mais ou menos cooperativa, fazer mais ou menos microcrédito, não é apenas uma questão de lei, é um processo político-cultural, é um processo de convencimento, até porque determinadas coisas só darão certo se vierem de baixo para cima. Se o governo achar que por conta de um Decreto Lei pode resolver os problemas da cooperativa, ele está predestinado ao fracasso, porque é preciso que haja a maturação das pessoas, é preciso que haja o amadurecimento. E esse amadurecimento, normalmente, é coletivo.

Eu me lembro que lá em São Bernardo nós tínhamos uma empresa chamada Conforja, não sei se tem alguém aqui da Conforja, Maria, mas eu me lembro que a Conforja era uma grande metalúrgica com mais de 3 mil trabalhadores. Quando ela faliu, a maioria das pessoas não recebeu nada. Então, o Sindicato propôs criar uma cooperativa. A maioria dos trabalhadores não acreditou, alguns foram até para a porta da fábrica fazer assembléia contra o Sindicato, dizendo que o sindicato estava traindo os trabalhadores, não é, Remigio, que era preciso brigar, não sei das quantas.



O que aconteceu de lá para cá? Os que entraram na Justiça até hoje não receberam a sua indenização. Os que optaram pela cooperativa estão ganhando muito mais do que ganhavam enquanto trabalhadores, e a empresa está crescendo. E aí tem outros exemplos, tem outros exemplos em vários lugares do Brasil.

Então, esta Conferência, Paul Singer, para mim é a consagração. É a consagração de um desejo, é a consagração de um sonho. Hoje, o Banco do Brasil tem mais noção de que é bom emprestar para o pequeno; hoje, o BNDES – eu pensei que estava aqui até o Maurício Borges, não está aqui, que é o nosso diretor especial para Microcrédito – mas hoje o BNDES está convencido de que tem que colocar dinheiro para o microcrédito, o Basa, o BNB, a Caixa Econômica Federal com a inclusão bancária. O que nós criamos até agora, na verdade, não foi ainda a realização de todo o nosso sonho, mas foi a prova de que nós somos capazes de construir algo diferente neste país.

Vocês percebem que com apenas 42 meses... o Paul Singer fazia parte de um grupo de economistas que durante muitos e muitos anos debateram comigo. Eu, cada vez que perdia uma eleição, montava um grupo de economistas: Aloízio Mercadante, Paul Singer, Eduardo Suplicy, Paulo Nogueira Batista e tantos outros que não vou ficar citando, Maria da Conceição Tavares. E a gente discutia, discutia. E a discussão era sobre o FMI, sobre dívida externa, sobre “não sei das quantas.” Hoje, o que nós estamos provando? Primeiro, nós estamos provando o seguinte: nós temos que fazer a lição de casa. Qual é a lição de casa? Nós temos compromisso? Nós temos que cumprir os nossos compromissos. São compromissos internacionais, são compromissos feitos por governos anteriores. E quando a gente casa com a viúva a gente tem que herdar os filhos também. A gente não pode querer ficar com a mulher e não ficar com os filhos, ou a mulher com o marido e não com os filhos. Nós temos que casar com o conjunto da alegria e dos problemas também.



Hoje, o que nós fizemos? Hoje nós somos um país que provou ao mundo o quê? Isso é o que me dá mais orgulho, porque eu lembro, Eduardo, que uma vez eu ganhei um avião de presente para o meu filho e um avião todo escrito em inglês, aquelas cartilhas para montar. Eu cheguei em casa, peguei aquele avião e falei: o que diabos eu vou fazer com isso aqui? Eu não sei ler inglês, eu não conheço nada de avião, como é que eu vou montar? A primeira impressão que tive foi de jogar fora, deixar lá. Aí eu lembrei que era possível procurar alguém que soubesse montar para mim. Arrumei uma pessoa que montou o avião e ficou bem.

O Brasil, quando nós o pegamos, era assim. Ele era uma coisa um pouco desarranjada, as pessoas achavam que não ia dar certo. Economistas sérios, como o Paul Singer, a Maria da Conceição Tavares, achavam que a gente ia ter muita dificuldade. Alguns achavam até que o Brasil estava quebrado. De vez em quando eu dizia para eles: “diabos”, vocês são meus amigos e dizem que o Brasil está quebrado e querem que eu seja presidente da República. Por que eu vou ser presidente da República?

O que aconteceu? É que nós conseguimos arrumar a Casa de tal ordem que alguns críticos do passado não sabem explicar como é que a gente resolveu o problema da economia brasileira ao ponto de chegarmos no ano passado e decidir devolver ao FMI 15 bilhões e 600 milhões de dólares que nós pagávamos de juros e que não precisávamos dele. Saldar o Clube de Paris e até pagar as dívidas das moratórias, ainda do tempo do presidente Sarney. E, além disso, fazer a poupança interna saltar de 17 para 25%, fazer o crédito pular para 32%, fazer uma inclusão bancária de mais de 6 milhões de pessoas que jamais pensaram em passar na porta de um banco, reeducar o sistema financeiro público brasileiro a atender o pobre, porque até então o pobre não sabia nem como entrar numa agência bancária, porque não era atendido. Ou seja, o Brasil não estava preparado para cuidar da parte mais pobre da população. Não estava preparado, não sabia como fazer.



Quando nós começamos, o próprio Banco do Brasil, que é um dos bancos mais extraordinários que nós temos, tinha muito gerente, de muitas partes do Brasil, que não tinha mais o hábito de atender o coitadinho que chegava lá de sandália. Não tinha mais o hábito. Não era nem maldade dele, é que ele não foi preparado para aquilo, ele foi preparado para receber um cidadão só, que pegava logo um monte de dinheiro e levava embora todo o dinheiro. É por isso que nós estamos saltando de 900 milhões de contratos no Pronaf para praticamente 2 milhões de contratos este ano. É por isso que nós estamos deixando de ter uma política agrícola para a região Sul do país, onde a gente atendia 80% o Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e um pouco de São Paulo, e hoje nós estamos atendendo o Acre, o Amapá, Roraima, a Paraíba. Tinha muitos estados em que o pequeno produtor não sabia como chegar ao banco e, se chegasse, não tinha recursos, porque alguém já tinha tirado na frente, ou seja, não tinha café no bule.

Então, hoje, nós estamos com uma coisa muito sólida. Primeiro, nós temos consciência da importância do microcrédito. Segundo, nós temos experiências exitosas; terceiro, nós temos experiências em cooperativas muito exitosas; quarto, nós estamos provando a nós mesmos que a inadimplência junto à parte menor da sociedade, a parte com menos recursos, é muito menor do que junto a outros segmentos mais altos. E aí, uma vez o governador Jorge Viana me disse uma coisa. Ele dizia assim para mim: “Presidente, fala uma coisa que vai ser bom dizer para o povo, diga para o povo o seguinte: dinheiro, mesmo que pouco, nas mãos de muitos, significa distribuição de renda, dinheiro muito nas mãos de pouca gente, significa concentração de riqueza”. Então, o que nós estamos fazendo é pegar uma parte desse quinhão, do dinheiro gerado por vocês mesmos, e fazendo com que ele chegue nas mãos de vocês.

Para os mais diferentes tipos de atividade econômica, para as mais diferentes ações, seja no campo ou na cidade, o resultado para mim tem sido



extraordinário. Eu vim a esta Conferência, primeiro, com a perspectiva de que vocês consigam sair daqui com um Conselho montado; segundo, com a perspectiva de que vocês possam trabalhar para fazer mais sugestão para o governo. Vejam, uma coisa que vocês precisam ter clareza da relação que eu tenho com a sociedade organizada, é que mesmo quando eu estou de cara feia, eu não fico nervoso com uma reivindicação, porque eu passei a minha vida fazendo reivindicação, eu sou um reivindicador-mor, eu reivindico todo santo dia, então, eu acho que vocês têm que aprovar aqui as coisas que vão poder tornar mais sólida essa questão do microcrédito, mais sólida a questão da cooperativa. Se tiver que convencer o Congresso, vamos tentar convencer o Congresso.

Ninguém é totalmente ruim e ninguém é totalmente bom. Nós temos é que pegar o lado das pessoas que a gente pode aproveitar e fazer as coisas andar bem. E eu acho que vocês podem sair daqui com o exemplo de que o Brasil não depende mais do FMI, o Brasil não depende mais do sorriso do presidente americano, o Brasil não depende mais do sorriso de ninguém. O Brasil depende só de nós, e o Ministério do Trabalho tem consciência do papel que joga nisso. O companheiro Marinho também nasceu disso, montou uma equipe preparada para isso.

Então, vejam, nós temos vocês, vocês têm a nós. Nós temos um governo com decisão política para fazer as coisas, vocês sabem o que precisa ser feito, então, isso tudo juntou a fome com a vontade de comer e a comida está na mesa. Vamos aproveitar e vamos saciar a nossa fome.

Muito obrigado e boa sorte a todos vocês.